

O mistério do coelho pensante e a ausência da literatura infantil de Clarice Lispector da historiografia literária brasileira

Stela de Castro Bichuette¹

Sueli Braz dos Santos Coelho²

Resumo: Este artigo tem como objetivos o estudo de dois pontos específicos. O primeiro é investigar o porquê de a produção literária infantil de Clarice Lispector (1920-1977) não figurar nas principais historiografias literárias brasileiras. O segundo enfoque é mostrar, através da análise do livro *O mistério do coelho pensante* (1967), a importância da escrita infantil da autora.

Palavras-chave: Clarice Lispector. *O mistério do coelho pensante*. Literatura infantil. Historiografia literária brasileira.

Introdução

Ordinariamente pensando, a locução literatura infantil indica subitamente a ideia de belos livros coloridos, com imagens chamativas, destinados à distração, ao aprendizado e ao prazer das crianças em lê-los, folheá-los ou ouvir suas histórias contadas por um adulto. Em razão dessa função básica, até bem pouco tempo, a literatura infantil foi depreciada como criação literária e subestimada pela cultura oficial como gênero menor. Dessa forma, como afirma Nelly Novaes Coelho na obra *Literatura Infantil* (1991, p. 27), “a valorização da Literatura Infantil como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis, bem como dentro da vida cultural das Sociedades, é conquista recente”.

Alguns autores, ao dedicarem suas obras para crianças, apresentam um estilo comum ao extremo, considerando-a como um ser menor e oferecem conteúdos de menor qualidade que não agregam sentido ao leitor, subestimando, dessa forma, a capacidade intelectual de seus leitores. Ou, em outros casos, não raros, escritores tentam induzir um teor moralizador para marcar sua obra, contrariando, assim, o anseio de contentar o gosto e satisfazer o apetite intelectual infantil, causando, no entanto, o desprezo do leitor pela obra.

¹ Doutora em Letras – Estudos Literários pela Universidade Estadual de Londrina. Professora colaboradora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro Oeste. stelabichuette@yahoo.com.br.

² Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Centro Oeste. Especialista em Literatura Brasileira. Professora da Rede Municipal de Ensino de Guarapuava, Paraná. suzynha@hotmail.com.

A escritora Clarice Lispector possui um estilo literário inconfundível e uma linguagem singular, além disso, outro aspecto inovador em sua obra é a visão de mundo que surge de seus enredos, ela enfoca em seus textos o ser humano em suas aflições e questionamentos existenciais. É impossível ficar insensível diante do texto de Clarice, pois a força da sua linguagem e a intensidade das emoções das suas personagens atingem em cheio o leitor, provocando, no mínimo, uma inquietação.

Toda essa singularidade da escritora também se fará presente na sua produção dedicada ao universo da literatura infantil. Dessa forma, a primeira parte desse trabalho apresenta uma síntese do que os principais nomes da crítica historiográfica brasileira dizem a respeito da obra de Clarice Lispector, a fim de comprovar a quase inexistência de menções à produção da autora voltada para o público infantil. Na segunda parte do artigo, abordaremos alguns aspectos da literatura infantil e, em seguida, faremos uma breve análise da obra *O mistério do coelho pensante* (1999) de Clarice Lispector. Para isso, tomamos como base as obras *Literatura Infantil* (1991) de Nelly Novaes Coelho e *Literatura infantil brasileira* (1999) de Marisa Lajolo e Regina Zilberman.

A produção clariceana dedicada ao público infantil aguarda sua devida apreciação, merece maior espaço na crítica historiográfica e maior circulação entre os professores e leitores. Em uma pesquisa no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES), foram encontradas apenas duas dissertações de mestrado sobre esse assunto, comprovando, mais uma vez, a necessidade de pesquisar mais sobre o viés da literatura infantil no qual Clarice Lispector está também inserida.

1. A Presença de Clarice Lispector na historiografia literária brasileira

Clarice Lispector foi uma escritora bastante versátil, sua produção é composta por romances, contos, crônicas, algumas colunas em jornal e até mesmo obras dedicadas ao público infantil. Essa produção, no entanto, foi interrompida precocemente com a morte da autora, um dia antes de completar 57 anos de idade, em 09 de dezembro de 1977. Por ocasião de sua morte, Carlos Drummond de Andrade, no dia seguinte ao falecimento de sua querida amiga Lispector, publicou no *Jornal do Brasil* um poema em homenagem ao aniversário e, também, à morte da autora: “Clarice, / veio de um mistério, partiu para outro. / Ficamos sem

saber a essência do mistério. / Ou o mistério não era essencial, / era Clarice viajando nele.” (DRUMMOND, 1977 *apud* NOLASCO, 2008, p. 240).

A escrita inquietante de Clarice Lispector trazia em si uma linguagem autêntica e intimista. Suas obras podem ser vistas como incógnitas, pois são carregadas de metáforas e símbolos que precisam ser decifrados pelo leitor. Edgar Cézar Nolasco, em seu artigo “Amizades Gauches” (2008), afirma que Carlos Drummond de Andrade era muito amigo de Lispector e, também, exímio admirador de suas obras, como podemos observar neste outro trecho da poesia dedicada à escritora: “Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,/onde a palavra parece encontrar/sua razão de ser, e retratar o homem.” (DRUMMOND, 1977 *apud* NOLASCO, 2008, p. 240).

Clarice Lispector concedeu uma entrevista no programa *Panorama* da TV Cultura para o jornalista Julio Lerner, em janeiro de 1977, dez meses antes de sua morte. A entrevista foi reproduzida posteriormente pela *Revista Shalom* em 1992. Ao ser questionada se poderia ser considerada uma escritora popular, Lispector respondeu: “Não. Chamam-me até de hermética, como é que posso ser popular sendo hermética?” Ainda na mesma entrevista, falando a respeito de sua produção infantil ela declarou que: “Quando eu me comunico com criança é fácil porque sou muito maternal. Quando me comunico com adulto, na verdade estou me comunicando com o mais secreto de mim mesma, daí é difícil... O adulto é triste e solitário. A criança tem a fantasia solta”.

A historiografia literária, de modo geral, aborda a originalidade e a grandeza das obras de Clarice Lispector, além da linguagem e da versatilidade hermética da escritora, porém, pouca ou nenhuma atenção é dedicada à sua produção infantil, que não apenas precisa, mas merece ser estudada com profundidade no âmbito acadêmico com o objetivo de contribuir para a divulgação dessas obras e, também, para ampliar a fortuna crítica da autora.

Nesse sentido, o historiador Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira* (2006), dedica especial atenção à Clarice Lispector. Bosi (2006) faz uma pequena análise de uma das principais obras da autora, *A paixão segundo G. H.* (1964), comentando as principais características da escrita e da obra clariceana. Para o autor, “Clarice se manteria fiel às suas primeiras conquistas formais. O uso intensivo de metáfora insólita, a entrega ao fluxo da consciência, a ruptura com o enredo factual têm sido constantes do seu estilo de narrar” (BOSI, 2006, p. 424).

Alfredo Bosi (2006, p. 424) ressalta ainda que com a escrita de Clarice Lispector “a própria subjetividade entra em crise”, pois, a linguagem utilizada pela escritora parte de um plano psicológico para um plano metafísico, uma vez que essa é complexa e abstrata. Essa singularidade de Lispector confirma sua ruptura com as técnicas tradicionais de narrar e com os ideais literários do período, além de consolidar sua escrita inovadora. Em nota de rodapé, Bosi (2006) traz uma pequena biografia da autora, em seguida, lista as suas obras, porém, detêm-se apenas em sua produção adulta, não fazendo nenhuma referência à produção infantil da autora, nem mesmo os nomes das obras são citados.

Afrânio Coutinho, em *A literatura no Brasil* (1986), afirma que depois de uma primeira fase experimentalista do Modernismo, teve início um segundo momento em que houve um “surto novelístico” dividido pelo autor em duas vertentes: a regionalista e a psicológica ou de costumes. A primeira adota a técnica realista e documental, abordando os problemas como a seca, o cangaço, o latifúndio, o banditismo nas zonas rurais e a vida da classe média, do proletariado e as lutas de classe nas zonas urbanas. A segunda aborda problemas psicológicos, religiosos, morais, etc. e desenvolve-se no sentido da indagação interior. Coutinho (1986, p. 276) posiciona Clarice Lispector na segunda vertente, ressaltando características comuns aos escritores do período, no entanto, explicitamente, visíveis na escrita clariceana como: subjetivismo, introspecção, neo-espiritualismo, sondagem psicológica e reação a estética vigente, desenvolvendo-se no sentido da busca interior e transpondo-se, muitas vezes, para o plano metafísico.

Sobre a singularidade da escrita e a expressão artística na obra de Clarice Lispector, Coutinho (1986, p. 277) faz a seguinte definição:

No caso de Clarice Lispector, é a tentativa de valorizar os produtos do sonho e da fantasia, na criação de uma atmosfera sem densidade real, mas de forte conteúdo emotivo e linguagem metafórica, fugindo assim para uma variedade de realismo mágico”.

Algumas dessas peculiaridades de que fala Coutinho podem, também, ser percebidas nas obras infantis da autora, que trazem em seus enredos a fantasia, a simplicidade e a autenticidade tão necessárias ao público infantil, pois esse ainda precisa construir a sua identidade não como leitor, mas, principalmente, como sujeito. No trecho abaixo retirado do livro *O mistério do Coelho Pensante* (1999, s/p) podemos observar algumas dessas

características como, por exemplo, a fantasia, a presença de conteúdo emotivo e a personificação que pode ser entendida como uma linguagem metafórica:

Pois bem. Um dia o nariz de Joãozinho — era assim que se chamava esse coelho — um dia o nariz de Joãozinho conseguiu farejar uma coisa tão maravilhosa que ele ficou bobo. De pura alegria, seu coração bateu tão depressa como se ele tivesse engolido muitas borboletas. Joãozinho disse para ele mesmo:

— Puxa, eu não passo de um coelho branco, mas acabo de cheirar uma ideia tão boa que até parece ideia de menino!

De acordo com Afrânio Coutinho (1986, p. 526), Clarice Lispector é renomada e conceituada dentro da literatura nacional em virtude da introspecção das suas obras, fato raro na literatura moderna. Assim como Alfredo Bosi (2006), Coutinho também destaca que, a linguagem da escritora traz em si um diferencial, uma originalidade, uma verdadeira renovação, capaz de mudar as tradicionais formas de escrita:

Estilisticamente, Lispector está no primeiro plano dos escritores brasileiros. Trechos seus indicam uma aguda percepção de detalhe, que têm como condição o dismantelo da lógica prosaica e a construção de uma prosa mais afim do poético. No entanto, pela intelectualização delirante dos personagens, que muitas vezes parecem antes figuras de pensamento que entes humanos, pelo falseamento consequente da sua conduta, pela falta de respeito à autonomia do personagem e pela redução da realidade à sua dimensão subjetivo-intelectualizante, não se pode crer que aquela colocação, de um ponto de vista de totalidade, seja correta (COUTINHO, 1986, p. 530).

Afrânio Coutinho (1986, p. 526), traz, ainda, uma observação colocada em nota de rodapé sobre a bibliografia da autora Clarice Lispector. O historiador ressalta que a mesma também dedicou parte de sua produção ao público infantil, entretanto, ele cita apenas o nome de uma dessas obras: *A mulher que matou os peixes* (1968), porém não faz nenhum comentário ou análise sobre essa obra, assim como fez com outras obras como: *Perto do coração selvagem* (1944), *O lustre* (1946), *A cidade sitiada* (1949), *A maçã no escuro* (1961) e *Laços de família* (1973).

Antonio Candido e José Aderaldo Castello, na obra *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo* (1968, v. 3, p. 31), afirmam que nas décadas de 1940 e 1950 aparece uma “nova geração de romancistas, poetas e críticos, que estão hoje na maturidade e representam a camada dominante da literatura. Na ficção, devemos mencionar Lígia Fagundes Teles, Clarice Lispector, Hérberto Sales, João Clímaco Bezerra, Fernando Sabino, Osman Lins”. No entanto, os historiadores não dedicam um espaço para análise de suas obras e, também, de suas

características, como fizeram com outros autores, tais como: Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, João Guimarães Rosa, entre outros. Além disso, Candido e Castello não fazem nenhuma menção à produção infantil de Clarice Lispector.

Olga de Sá explora de maneira mais ampla a produção infanto-juvenil de Clarice Lispector. Na obra *A escritura de Clarice Lispector* (1979), faz um intenso e profundo estudo sobre a obra da escritora. O livro é dividido em três partes: Geral, Analítica e Conclusiva. No capítulo inicial da primeira parte a autora traz a fortuna crítica de Lispector dividida entre as décadas de 40 a 50 e de 60 a 70. Sá (1979) afirma que Antonio Candido foi um dos primeiros críticos a identificar o talento de Clarice Lispector e saudá-la pela qualidade de seu artigo intitulado *No raiar de Clarice Lispector* de julho de 1944 e publicado, posteriormente, no livro *Vários Escritos* (1970).

Na parte conclusiva de seu estudo, a pesquisadora Olga de Sá (1979) aborda a produção infantil de Clarice Lispector citando as três obras que já haviam sido publicadas até o momento: *O Mistério do Coelho Pensante* (1967), *A Mulher que matou os peixes* (1968), *A vida íntima de Laura* (1974). A autora afirma ainda que Clarice Lispector nunca havia pensado em escrever obras infantis até que:

Um dia, em Nova Iorque, enquanto ela redigia a *Maçã no Escuro*, seu filho menor pediu-lhe uma história. Ela respondeu que escreveria sim, mais tarde. A criança não quis 'mais tarde', quis 'agora'. Ela interrompeu 'A Maçã' e escreveu, em inglês, *O Mistério do Coelho Pensante*, que depois foi traduzido para o português, a pedido de um editor. *A escritura de Clarice Lispector* (1979, p. 318).

Ainda de acordo com Sá (1979) Clarice Lispector gostava muito de receber cartas de crianças que elogiavam seu trabalho, pediam que ela escrevesse outras histórias ou, ainda, faziam perguntas sobre as obras da autora. Ela ficava muito entusiasmada com as demonstrações de carinho vindas de seus pequenos leitores e respondia as cartas com dedicação e afeto, deixando aflorar seu lado maternal e sempre procurando acolhê-los de forma amável, como se os pegasse em seu colo, de modo a fazê-los sentir em casa, queria que se sentissem bem seguros e confortáveis.

2. Alguns aspectos da literatura infantil

Antonio Candido, no ensaio *O Direito à literatura* (1995), afirma que a literatura deve ser considerada um bem incompressível, ou seja, um bem que não pode ser negado a ninguém, pois ela é essencial para assegurar a integridade espiritual e, principalmente, intelectual do indivíduo, além de contribuir para a sua formação e seu desenvolvimento social. Segundo Candido (1995), a literatura tem o poder de humanizar, pois torna as pessoas mais compreensivas, dispostas e flexíveis. Para ele, esse processo de humanização:

[...] confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 1995, p. 249).

Dessa forma, a literatura deve estar presente em todas as etapas da vida, incluindo a infância, pois a literatura infantil tem um papel fundamental no processo do desenvolvimento cognitivo, afetivo e na formação de leitores. Nelly Novaes Coelho, na obra *Literatura Infantil: Teoria- análise-didática* (1991), afirma que os primeiros textos dedicados ao público infantil eram adaptados de textos adultos, pois a criança era vista como uma miniatura do adulto. O objetivo desta literatura infantil era, apenas, entreter a criança subestimando sua capacidade intelectual e limitando, assim, suas possibilidades de aprendizagem e de diversão no processo de leitura.

Ainda de acordo com Coelho (1991), é conquista vigente o reconhecimento da literatura infantil “como fenômeno significativo e de amplo alcance na formação das mentes infantis e juvenis, bem como dentro da vida cultural das Sociedades”, ela acrescenta, também, a necessidade imediata da literatura infantil não ser vista apenas como meio de distração, mas como uma “aventura espiritual”, comprometendo o “eu em uma experiência rica de Vida, Inteligência e Emoções”.

A literatura infantil, além de fazer uma representação do mundo, do homem e da vida por meio de palavras, possui peculiaridades específicas, como trazer conhecimento e informação, conduzir a criança ao encontro de um mundo envolvente de encantamentos e de sonhos, onde esta, com sua interpretação, ouvindo ou lendo histórias, idealiza e vivencia o mundo ficcional e, conforme menciona Coelho (1991, p. 51): “É quando, inconscientemente, a criança tenta construir sua própria imagem ou identidade e se depara com os muitos estímulos ou interdições aos seus impulsos”. Buscando soluções de possíveis problemas e dispondo do uso desses aspectos, a literatura favorece o desenvolvimento integral da criança.

As obras de literatura infantil têm o poder de instigar a curiosidade das crianças. O formato do livro, a forma como ele deve ser manuseado, as ilustrações, as cores e as possibilidades emotivas que o livro traz em si são algumas das ferramentas utilizadas para atrair e prender a atenção do público infantil. O encanto escondido nas páginas dos livros pode despertar ou avivar, no pequeno leitor, a descoberta e o desenvolvimento da linguagem, ampliando a capacidade de comunicação com o mundo.

Nesse sentido, vale destacar que Marisa Lajolo e Regina Zilberman, em *Literatura Infantil Brasileira* (1999), abordam algumas características complementares para definir esse tipo de literatura: “A primeira delas dá conta do tipo de representação a que os livros procedem. Estes deixam transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo”. E ainda acrescentam:

Dessa maneira, o escritor, invariavelmente um adulto, transmite a seu leitor um projeto para a realidade histórica, buscando a adesão afetiva e/ ou intelectual daquele. Em vista desse aspecto, a literatura para crianças pode ser escapista, dando vazão à representação de um ambiente perfeito e, por decorrência, distante. Porém pela mesma razão, poucos gêneros deixam tão evidente a natureza utópica da arte literária que, de vários modos, expõe, em geral, um projeto para a realidade, em vez de apenas documentá-la fotograficamente. (LAJOLO; ZILBERMAM, 1999, p. 19).

Lajolo e Zilberman (1999) ressaltam, ainda, que muitos autores, incluindo nomes consagrados como Mário Quintana, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes e Clarice Lispector, trouxeram estima para a literatura infantil, não depreciando a oportunidade de adentrar neste próspero e exigente mercado de livros, que fez com que a produção literária infantil crescesse e os títulos brasileiros fossem conquistando cada vez mais espaço.

É importante ressaltar aqui a necessidade de valorizar a literatura infantil em todos os seus aspectos, levando em conta a formas que são apresentadas é visto que em compensação Clarice Lispector, apresenta-nos uma característica de afinidade com a criança bastante diferenciada da encontrada em grande parte das obras infantis. Os narradores clariceanos não necessariamente personificam-se de crianças para aliar-se com o universo do leitor. Nas obras infantis de Clarice Lispector não existe a aspiração de um saber, por isso, crianças e adultos podem se comunicar muito mais de perto e fazer parte de um mesmo universo.

3. O mistério do coelho pensante: análise e reflexão

A obra *O mistério do coelho pensante* (1999) de Clarice Lispector apresenta a história de um coelho chamado Joãozinho que, de acordo com a narradora, não falava, mas pensava e pensava com o nariz. Pensava e franzia o nariz e fugia todos os dias da sua casinhola, porém, ninguém sabia como ele fugia, já que a casinhola tinha grades muito estreitas e ele, além, “de branco era gordo”. Passou a fugir só por gosto, era feliz, recebia comida todos os dias, era amado por seus donos, mas, mesmo assim fugia. Gostava de sair e cheirar, cheirar o mundo, as coisas boas da vida mesmo tendo a natureza de um simples coelho.

A autora conquista e envolve o leitor, criando um clima de aconchego, de acolhida e de conforto. O prefácio funciona como um ponto de partida, de boas vindas, como se a cada vez que as páginas do livro fossem abertas, as crianças leitoras sentissem entrando na sala de visitas da casa do narrador, fossem ouvir uma história bem criativa e bem contada com todo aquele ar de intimidade e amizade. Como se a história fosse contada por alguém bem próximo e querido. Alguém em quem a criança confiasse sentar ao lado para ouvir uma historinha, deixando-se levar pela narração e viajar pelo mundo da imaginação.

Ainda no prefácio, a mãe – autora e narradora - permite ao leitor entender o porquê de escrever sobre coelhos expressando sua própria simpatia e dos seus filhos pelo animal que, pelo visto, marcou a vida da família: “O mistério do Coelho pensante é também minha discreta homenagem a dois coelhos que pertenceram a Pedro e Paulo, meus filhos. Coelhos aqueles que nos deram muita dor de cabeça e muita surpresa de encantamento.” (LISPECTOR, 1999, s/p). Ao manter contato com a obra e envolver-se com o mistério da trama, o leitor busca uma resposta tentando adivinhar o mistério das fugas do coelho, enquanto a narradora passeia ao redor do que Joãozinho fazia, nas suas saídas, cada vez mais constantes, mesmo ele sempre retornando a casinhola, onde tinha o básico: comida e o carinho das crianças e de seus donos. O momento de epifania do coelho fujão descobriu que o mundo fora da casinhola era interessante para ele. A narradora manifesta desconhecer a resposta para tantas incógnitas, contudo até já tentasse pensar como coelho, isto é, franzindo a testa bem depressa: “mas você sabe muito bem o que tem acontecido. Quando franzo o nariz, em vez de ter uma ideia, fico é com uma vontade doida de comer cenoura” (LISPECTOR, 1999, s/p).

O mistério que se passa não tem uma solução, propriamente dita, mas a história leva a criança a uma busca incessante por respostas: “Aliás, esse ‘mistério’ é mais uma conversa

íntima do que uma história. Daí ser muito mais extensa que o seu aparente número de páginas. Na verdade só acaba quando a criança descobre outros mistérios” (LISPECTOR, 1999, s/p). A narradora não esclarece o mistério da obra, mas instiga a criança para que reflita sobre suas possibilidades, não subestimando a sua capacidade intelectual e incentivando a procura por novas descobertas e conhecimentos:

Só há dois modos de descobrir que a Terra é redonda: ou estudando em livros, ou sendo feliz. Coelho feliz sabe um bocado de coisas. Outra coisa que o nariz dele descobriu é que as nuvens se mexem devagar e às vezes formam coelhos no céu. Nas suas fugidas também descobriu que há coisas que é bom cheirar, mas que não são de se comer. E foi aí que ele descobriu que cheirar é quase tão bom como comer (LISPECTOR, 1999, s/p).

A produção de Lispector voltada ao público infantil se revela inventiva e capaz de instigar o leitor, que precisa ir além das páginas escritas, numa busca inquietante por respostas que nem sempre são encontradas nas entrelinhas e nos momentos de pura reflexão diante de uma obra aparentemente tão simples, confirmando, assim, que não se trata apenas de um entretenimento ou a mera história de um bichinho qualquer com final moralizante, o que é muito comum em obras infantis, como acontece, por exemplo, nas fábulas. Conforme Lajolo e Zilberman (1999, p. 155) na produção infantil da autora, além do seu estilo inconfundível, podemos “reconhecer também um procedimento nitidamente moderno: a fragmentação e a diluição da narrativa, sempre postergada, o que exige ostensivamente a participação do leitor a quem o narrador se dirige com frequência, explicando o que narra e fazendo perguntas”.

O mistério do coelho pensante (1999) pode ser considerado mais um diálogo com o leitor do que uma narrativa propriamente dita. No prefácio do livro, Clarice Lispector prepara os leitores, conta que escreveu o livro a pedido de seu filho Paulo e que a história é para crianças que gostam de coelhos, enfatizando o quanto é bom falar sobre esse bichinho. A narradora pede desculpas aos pais e familiares por se tratar de uma escrita doméstica que instiga a curiosidade das crianças, e com isso, esses deverão dar uma maior contribuição para sanar as dúvidas que certamente surgirão.

Quando se menciona o nome Clarice Lispector, surge de imediato a noção de obras literárias densas como, por exemplo, *A Paixão segundo G. H.* (1964), uma obra que além de inquietante e instigante, exige do leitor muita reflexão e desprendimento. Com uma poética única, sustentada em simbolismos, sua obra se destaca também pela atenção à dimensão psicológica dos personagens que muitas vezes se encontram num universo absurdo,

normalmente diante de um fato inusitado ou, pelo menos, inusitado para a personagem. É como se o texto convidasse o leitor a desvendá-lo e, desvendando-o, descobrisse um pouco mais do ser humano, mas cabe ao leitor imaginar não só como ele consegue escapar, como também o que poderá fazer fora da “prisão” de sua gaiola.

É aí que ocorre a “epifania”, outra característica marcante da produção da escritora sempre enfatizada pela crítica, momento em que a personagem tem uma revelação, o instante em que sua consciência desperta e faz com que ela veja a vida e situações a ela pertencentes de forma diferente que, até então, não tinham sido compreendidas, causando uma desarmonia interior que desestabilizará a vida da personagem. Assim acontece com o personagem Joãozinho, que até então estava preso na sua casinhola, era apenas um coelho branco e após ter seu momento revelador teve a ideia de fugir da casinhola, e achou-a tão boa que chegou a pensar que fosse uma ideia de menino:

Pois bem. Um dia o nariz de Joãozinho - era assim que se chamava esse coelho - um dia o nariz de Joãozinho conseguiu farejar uma coisa tão maravilhosa que ele ficou bobo. De pura alegria, seu coração bateu tão depressa como se ele tivesse engolido muitas borboletas (LISPECTOR, 1999, s/p).

É possível também destacar que a escolha pelo coelho representa também a identificação, por parte de autora, de que é uma figura presente no imaginário infantil, por ser um animal empregado pelos mágicos, por exemplo, possibilitando o surgimento de uma empatia imediata pelo personagem principal. Essa condição é reconhecida por Keitiane Alexandre (2009, p. 132) ao expor que “o animal escolhido pela autora não poderia ser mais propício para despertar a fantasia, pois o coelho existe em nosso imaginário cultural como um animal mágico”. Há, ao longo do livro, a identificação de que o coelho possui um carisma revelado no encantamento de seus próprios donos, que muito cativa os leitores. Essa condição é exposta na seguinte passagem: “Joãozinho tinha cara de bobão e era lindo. Dava até vontade de apertar ele um pouco” (LISPECTOR, 1999, s/p).

Clarice Lispector situa o leitor evidenciando que o entendimento da obra dependerá do envolvimento do mesmo, identificando que, mesmo sendo uma obra destinada ao público infantil, mantém-se o comprometimento em elaborar uma história instigante, singular e desafiadora. Essa proposição revela um posicionamento diferenciado da autora em relação ao que geralmente ocorre nas obras infantis, no sentido de estimular o estabelecimento de um

diálogo em torno da história, com a intenção de propiciar à criança uma maior compreensão acerca do que leu.

Retomando a história do coelho Joãozinho, a sua principal ideia era a de fugir da casinhola onde estava preso, com a intenção de obter comida. Sua ideia foi tão bem engendrada que nenhum dos personagens humanos, ao longo da narrativa, conseguiu descobrir como o coelho realizava a façanha de escapar de sua casinhola. Apesar de o mistério ser o motivo principal do livro, a autora descreve em minúcia as inúmeras vivências do coelho a partir de suas fugas, que oportunizaram o estreitamento da sua relação com os demais membros da família: “Você acha, Paulo, que os donos de Joãozinho zangavam com ele? Zangavam sim. Mas zangavam como pai e mãe zangam com os filhos: zangavam sem parar de gostar. Aquele coelho, então, nem se precisava ser parente para gostar dele”. (LISPECTOR, 1999, s/p).

As fugas do coelho se tornaram frequentes, evidenciando que a motivação não era apenas comida, mas sim a possibilidade de usufruir experiências no meio social. Essa condição resultou, por exemplo, no nascimento de seus filhotes que, assim como Joãozinho, conseguiam encantar os personagens. É possível, nesse contexto, estabelecer uma perspectiva de que o coelho não se contentava mais em permanecer na sua casinhola, receber comida e carinho, mas sim de buscar novos horizontes, possibilitando vivências significativas que auxiliavam a ter uma perspectiva de vida mais dinâmica. Nesse sentido, a narradora-autora e mãe, relata que as fugas oportunizaram ao coelho a assimilação de novos saberes, ao expor que:

Às vezes também Joãozinho fugia só para ficar olhando as coisas, já que ninguém levava ele para passear. Nessa hora é que virava mesmo um coelho pensante. Foi olhando as coisas que seu nariz adivinhou, por exemplo, que a Terra era redonda (LISPECTOR, 1999, s/p).

O leitor é convidado a se colocar no lugar do coelho, “cheirando” como ele a ideia, da mesma forma como a narradora tenta captar os mistérios do mundo, através de uma escrita que procura atingir a essência do outro. Desta forma, leitor e narradora, participam da descoberta de um mistério. Para a criança trata-se de descobrir o modo como o coelho conseguiu sair da casinha; para a narradora trata-se de brincar com a narrativa do mistério, sem a necessidade de chegar a uma resposta final, colocando-se, portanto, no mesmo nível de

perplexidade do leitor, embora com questionamentos divergentes. Talvez seja essa uma das partes a ser preenchida, conforme a advertência do início.

O pensar do coelho transforma-se em exercício de imaginação, o que equivale ao modo próprio como a criança assimila a realidade. Por outro lado, o coelho sempre retorna à gaiola, pois está “preso” às necessidades básicas de sobrevivência, como comida e afeto, o que pode representar o abandono à fantasia, ou à volta à prisão do real. O adjetivo “pensante”, característica atribuída ao coelho, consecutivamente seja uma forma de dizer ao seu pequeno público que pensar pode levá-los a novas experiências, descobertas e conhecimentos, ou seja, pode-se, ao se encontrar-se em situações de prisão, momentos de indecisão e tristeza, ser capaz de sentir que é o momento de sair da casinhola e buscar novos horizontes.

Considerações Finais

A partir dessa perspectiva, Clarice Lispector realça para os leitores a importância da observação para obter novas aprendizagens, expondo para as crianças que a leitura, como forma de reflexão, oportuniza a aquisição de novos saberes, mesmo quando estes estão dispostos nas entrelinhas do texto. A busca por si só de novas descobertas e novos mistérios, a capacidade de sair de si, das “casinholas” da vida e viajar, buscar, desvendar novas histórias parte do próprio leitor que deixará o mundo das ilusões.

É importante destacar que o mistério do coelho não é solucionado ao final do livro, deixando uma abertura para o leitor estabelecer suas próprias considerações, sendo que, no caso da literatura infantil, representa algo inovador, em virtude das obras voltadas ao público infantil serem lineares, procurando realçar uma lição de moral ou um desfecho que possa atender às expectativas do leitor. Dessa forma, Clarice Lispector considera o potencial de leitura das crianças, sobretudo o de conseguir perceber sentidos além do que está exposto na superfície do texto, resultando em uma obra agradável de ler, como também de evidenciar que a leitura infantil pode ser estimulante e singular.

A produção infantil de Clarice Lispector ainda é ponto opaco, merecendo maior atenção dos Estudos Literários, bem como maior divulgação para o público leitor. Ficou evidente, através desse trabalho, a pouca atenção dada a essa parte da produção ficcional de Lispector.

Assim, não é temerário deixar evidente que os livros infantis da autora carecem de maior enfoque no intuito de sua valorização futura.

Referências bibliográficas:

ALEXANDRE, Keytiane. A pedagogia do imaginário em Clarice Lispector. *Revista Ao Pé da Letra*, v. 11, n. 2, 2009, p. 129-137.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Visão de Clarice Lispector*. Disponível em: <<http://drummond.memoriaviva.com.br/alguma-poesia/visao-de-clarice-lispector/>>. Acesso em 20 jun. 2013.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura brasileira III: Modernismo*, v. 3. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 235-263.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria-análise-didática*. São Paulo: Ática, 1991.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*, vol. V. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 1986.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1999.

LISPECTOR, Clarice. Última entrevista de Clarice Lispector. *Shalom*, n. 296, v. 2, 1992. Entrevista concedida a Julio Lerner. Disponível em: <<http://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/ClariceLispector.htm>>. Acesso em 15 set. 2013.

LISPECTOR, Clarice. *O mistério do coelho pensante*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

NOLASCO, Edgar César. Amizades gauches. *Revista Cerrados*, v. 17, n. 26, 2008. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/cerrados/article/viewArticle/8360>>. Acesso em 22 jun. 2013.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis, RJ: Vozes; Lorena, SP: Faculdades Integradas Teresa D' Avila, 1979.

***O mistério do coelho pensante* et l'absence de la littérature infantile de Clarice Lispector dans l' historiographie brésilienne**

Résumé : Cet article se propose sur deux points précis. Le premier c'est la démonstration de la production littéraire infantile de Clarice Lispector (1920-1977) que n'est pas présente dans les premiers historiographies littéraires brésiennes. Le deuxième point est démontrer travers l'analyse du livre *O mistério do coelho Pensante* (1967), l'importance de l'écriture infantile de l'autrice.

Mots-clés : Clarice Lispector. *O mistério do coelho pensante*. La littérature pour enfants; Historiographie littéraire brésilienne.

Recebido em: 23 de julho de 2014.

Aprovado em: 04 de fevereiro de 2015.